

O RABUGENTO

PERIODICO LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

POR UM ANNO. . . . 10\$000 — POR SEIS MEZES . . . 5\$500 — POR TRES MEZES. . . 3\$000

O RABUGENTO

III.

Na esphera em que nos achamos, nós, que não podemos ter a pretensão de observadores, porque para isso nos faltam conhecimentos precisos, somos todos os dias, forçados, ou antes arrastados, a censurar a nossa sociedade. Talvez sem motivo justo; mas, somos moços com mania de velho, e a rabugue nos instiga. Por isso ralhamos.

Sabemos, e temos ouvido dizer, que pretendemos reformar a sociedade, como se fossemos palmatoria do mundo.

Porém, se manifestar idéas, que sendo observadas, podem contribuir muito para o aperfeiçoamento dos nossos costumes, é uma falta, resta-nos a gloria de ter sido precedidos por muitos outros, que quanto mais habituados tanto mais discretos deveriam ser: calando quando vissem a sociedade caminhar (como apesar disso caminha) sobre as ruínas da moral e pela estrada da corrupção.

Tanto mais se procura observar, tanto mais se aprende. E' isso que fazemos.

Nunca diremos: a sociedade acompanha-nos. Não, isso seria exigir della muito.

Dizemos apenas: a sociedade podia ser boa, se fosse assim; se caminhasse por esta ou aquella vereda.

Na esphera em que nos achamos, repito, não podemos com vantagem criticar; mas podemos com vantagem observar. E a verdade é o primeiro passo dado para a posse daquillo que um dia poderemos alcançar.

Se quizermos ser bom, não nos podemos furtar ao conhecimento do máo, que extrema a virtude do vicio.

E pensando a nosso respeito, perguntamos a nós mesmo: devemos ou não responder aos que por seu turno nos censuram? Não.

Escrevemos como fallariamos, e como fallamos sempre que urge essa necessidade, para quem nos quer ler, para quem nos quer ouvir. E quem ralha não nos ouve. Quem nos acompanha e nos ouve, são aquelles que conosco convivem; para esses as nossas doutrinas servem, estão no seu dialecto.

Desses, os que quizerem observar o que escrevemos, revelarão o desejo de chegarem ao conhecimento do bem; e não satisfeitos conosco, buscarão melhores escriptores e melhores oradores. Os que não quizerem observar são dignos das nossas censuras, e se gritarem, desprezo e mais desprezo.

Agora dito isto, passemos adiante.

Mercê de Deus, não fomos creado no seio de uma cidade onde

a corrupção corre parella com a civilização; e por isso nos espanta ver uma bella sociedade, não de mancebos rusticos, crestados pelo sol, nos campos onde descalços lavram a terra; mas de bellos e esbeltos jovens, de physionomias expressivas, se bem que um pouco abatidas pelo excesso de seus gosos desregrados.

Esses jovens de cutis finas e mimosas, mãos que ao contacto confundem-se com o das luvas, pés que gemem comprimidos por pequenos e estreitos sapatos, correm desenfreados, por essa estrada escorregadia, flanqueada pelo vicio, e que vai ter ao seio da corrupção, atraz d'um fecundo goso.

Não esse goso necessario á vida, onde a casta moral, de mãos dadas com a simples innocencia, distribue o prazer prolongando com elle a vida. Mas, esse goso que mata, que inbota a intelligencia, degrada o homem, suplanta os costumes, lucha e vence o pudor e o sentimento, e inerva o ente para o qual depois não ha salvação possivel.

A mocidade precisa de guia, como a planta necessita de seiva; e é mostrando os defeitos e os erros da sociedade, que ella pôde evitar o contacto do mal. A censura nunca foi uma offensa, quando em termos habeis. O povo não pôde nos grandes livros, (nem nós os temos) estudar os costumes. Elle pôde observando se a si mesmo, evitar os defeitos; e isso já é muito. Eis o que nós queremos; eis o que nós fazemos. E' apenas despertar a attenção dos mais entusiastas dos bons costumes.

Inda hontem apontámos a nossa falta de attenção para com os nossos hospedes, e dizíamos ser isso devido á mescla da nossa sociedade; ah! veio o facto provar a nossa observação. O Passeio Publico foi o theatro dessa vergonhosa scena.

O nosso povo é naturalmente hospitaleiro e amante do bello. Porém ha entre nós um germen de discordia, o maldito indifferentismo de alguns, que arrasta consigo os menos experientes. Conhece-se isso pela analyse feita á nossa sociedade.

Outr'ora via-se um joven na rua ao lado de seu companheiro, ás vezes em calorosa discussão e empenhado em uma luta nobre e justa. No entanto esse joven que altercava, não deixava escapar uma phrase menos digna e da qual tivesse de envergonhar-se.

Hoje vê-se em uma praça dous moços a conversar, sem necessidade e por simples gracejo, fazem uso dos termos mais ignobes e indignos da bocca de um mancebo bem educado, e só proprios de um marinheiro.

E quantas vezes, reunidos por baixo de uma janella de um sobrado, não offendem elles os ouvidos das familias, com a sua moral? E quantas vezes, nutrido ainda algum sentimento de pudor, esses moços não têm de se envergonhar ao conhecerem essa familia, que ás vezes tambem os conhece?

E perguntamos: teriam esses jovens occasião de envergonhar-se, se sua bocca estivesse habituada ás phrases polidas e proprias d'uma sociedade illustrada?

MISCELLANEA.

VERDADES VERDADEIRAS.

Ha duas rivaes no mundo
Qual dellas a mais malina;
Leitor, não rias; tu sabes
Que é a morte e a medicina.

Em verdade, não ha duas pestes peiores, e se alguma cousa quizerem tirar-lhes da ruindade, ha de ser a primeira, que mais humana do que a segunda, faz cessar os nossos soffrimentos, em quanto que a outra os augmenta.

Os homens, emulos sempre
Do que faz a mão divina,
Vendo que ella a morte dava,
Crearam a — medicina.

E' caso averiguado, e tanto que:

Do guerreiros milhões mil
Sobre o campo do heroismo,
Menos gente dão ás campas
Do que dá um — aphorismo!

E se julgam que não é como digo, dêem-se ao trabalho de ler o que os proprios medicos *os mais conscienciosos* têm escripto a respeito do officio, a que os formados dão tão imprópriamente o nome de *sciencia*!

Mas a par dos que alguma consciencia têm, ha-os sem nenhuma, o que não admira, por isso que:

A tres sujeitos, funcção
Traz sempre da morte o erro,
Chuxa o medico a porção,
O inventario o escrivão,
E o padreco, o enterro!...

Vê-se que o negocio dá para muitos, e que os tempo^s correm hoje de um modo que não se pôde desprezar o que rende. Eu é que talvez deixe de dizer com tanta franqueza o que sinto, porque, se de um lado faço bem, posso por outro fazer mal aos que tranquillamente vivem da morte, e dahi o remorso incessante que não me deixaria.

Dr. Fagundes.

POESIAS.

INTIMA.

Como custa, meu Deos, passar a vida
Sem crença, sem amor, sem fé na sorte!
Procurando um alivio a magoa austera,
Que nos plantou no peito, á mão da morte.
Se na lage, meu Deos, da sepultura,
Podesse penetrar amargo pranto;
Pudera traduzir nas phrases mudas,
O amor que perdi, mais puro e santo...
Ah! quanto perdi!... perdendo aquella,
Por quem troquei a mocidade inteira!
Por quem chorei, prostrado ante seus pés,
Quem foi de minha angustia a companheira!

Quero vê-la, meu Deos, inda qu'eu saiba,
Voltar com ella ao gelado leito,
Quero arrancar a vida n'um suspiro,
Mas, preso ao regaço de seu peito!

Quero ter sua mão unida á minha,
Fria assim como á vi, como toquei;
Não quero ausente e só, a luz do mundo,
No qual unido a ella goso achei!

Debalde busco rir, cantar alegre,
A tristeza me falla ao coração;
A voz morre ao nascer, um ai escapa,
Da magoa e da saudade traducção!

Para que me illudir, pensando ao mundo
Enganar nos meus risos d'alegria!...
Se sabe quem me vê, quanta amargura,
Faz do meu pobre peito á moradia!

Corra o pranto, meu Deus; á ella o devo...
Exprima a minha lyra o soffrimento!...
O canto seja triste, como é triste,
Do leito onde ella dorme o isolamento.

Quanto riso, meu Deos, junto á margura
Nos labios a tremer quanta mentira;
Fuja de mim agora o fengimento,
Se soffro e se ainda choro, gema á lyra!...

20 de Setembro de 1862,

H. H. CONTINHO.

ANONYMAS.

VEM

A. H.

Vem innocente criança;
Eu abro os braços á flor!...
Mas, não penses na mudança,
Da primavera o calor?...

Na primavera é a vida
Um lindo botão fechado...
No verão... haste pendida,
Um pouco mais desbotado!

Se ha calor em demasia,
Se abre o lindo botão...
Perde ou ganha a poesia;
Tu serás feliz ou não!...

Inda é cedo criancinha;
Mas se queres, vem, te espero...
A dôr inda me definha;
Receio um fado severo...

Mas, se queres, vem, te aceita
Minha alma, inda não cansou;
Mas, não penses estar desfeita
Saudades que outra deixou!

Se queres viver comigo,
Meus cantos t'hão de servir!
Mas inda mesmo contigo,
Saudades hei de sentir!!

Sei qu'és perfeita menina,
Sei qu'és bella e virtuosa;
Mas é chorar minha sina,
Deixa-me chorar e goza.

Mas, vem querida, que o vale,
Sabe de veras amar!
E aqui vês o quilate,
D'amor que te posso dar!

Março de 1862.

E.

RATICES DA SEMANA

CARTA DE D. QUIXOTE AO SEU COMPADRE — RABUGENTO. —

Meu compadre *Rabugento*:
Constou-me que o *Tinoco*
Foi procurar outro officio,
Que lhe rendesse mais côco.
Cansado de ser *ralão*,
Pedio sua demissão.

Dizem uns (valha a verdade)
Que elle foi dar milho ao gallo;
Outros pensam, e o vão dizendo,
Que foi dar agna ao cavallo;
Alguns têm razão p'ra crêr,
Que elle vidro foi moer.

Heis-me aqui em seu lugar
Para as *Ratices* escrever,
Mas temo fazer fiasco
Por ter pouco que dizer;
Só se der noticias *várias*
Tiradas das folhas diarias.

Assim mesmo ali lh'as mando
Em chulo verso quebrado;
« Quem dá aquillo que tem
Não é a mais obrigado; »
Se não lhes achar merecimento,
Queime-as ou bote-as ao vento.

Morreu compadre a gibóia.
Não de morte natural;
Mas victima sacrificada
Por um possante rival;
Morreu de ruiva, sentida
De ser por elle excedida.

Mandaram a lingua á gazeta
Que moralisa a imprensa,
« Que vive neste paiz
Em desregrada licença, »
Segundo disse em sessão
Um eleito da nação.

Os apóstolos desta seita
Fazem do chaos surgir a luz,
E para o povo edificar
Cada um traz sua *crus*;
Para moralisar o Sayão,
Veio agora o *Escorpião*.

Uma noticia agradável
Vou dar em compensação;
A morte do peixe-vacca
Foi um grande carapetão;
O negocio é de segredo
Mas vou conta-lo sem medo.

Quando todos pranteavam
Uma morte tão sentida,
Passava o grande heróe
A mais regalada vida;
Servindo de complemento
A um estupendo invento.

O mano lá do Passeio
Combinou com o salva-pinga
Confiar-lhe o peixe-vacca
Para experimentar a seringa;
Invenção d'alta cachola
Que fugio lá da argola.

Breve teremos de ver
O fructo das seringadas,
Dizem que hão de nascer
Os peixinhos ás cambadas;
Que glorias p'ra o inventor
E p'ra o seu collaborador.

Compadre, cá neste mundo
Não ha perfeita ventura,
A par de um gosto um desgosto.
Acompanha a creatura;
Tal foi a sorte fatal
Do empresario jardina.

Quando em repouso gozava
O fructo de seu trabalho,
Apparecem na *Semana*
As cartas a F. I. Alho;
Primeira decepção
Que soffreu seu coração.

Não parou porém ali
Dos zoilos a diabrura;
Logo no numero seguinte
Veio uma caricatura;
Cousa torpe e indecência
Capaz de matar a gente.

Não ha gloria terrestre
Que não ache detractores;
Alma grande não se curva
Ao peso dos dissabores;
Além, na posteridade
Está o premio da verdade!

Ria-se o nosso homem
Do que o mundo dizia,
Confiando na experiencia
Das seringas, que fazia,
Eeo o seu mimoso jardim
Espurgava do campim.

Eis que por fatalidade
 Apparece a hespanholada
 Corre ao Passeio a ouvi-la
 Gente grande e a cambada;
 Apesar do regulamento
 Entra de moleques um cento.

Nunca se vio tal destroço
 Em um jardim inglez;
 Arrancaram as plantas
 Assustaram o peixe rez,
 Por sobre a gramma pisaram
 E a musica apedrejaram.

Abro aqui um parenthesis
 Para á policia perguntar
 O que disse o estrangeiro
 Que se vio assim tratar?
 Foi um bonito padrão
 De alta civilisação!

Parém amigo compadre
 O consolo que me resta
 E' que lá pela estranja
 Cosa alguma tambem presta.
 Segundo diz um doutor
 Profundo observador.

Teramos de ver pela prôa
 Algum Biard marinhoico
 Escrevendo cartinhas
 Daqui para o estrangeiro,
 Dizendo em lingua apurada
 Que de bom não achou nada!

O amor do torrão patrio
 Nos faz ás vezes, compadre.
 Dizer muita coisa falsa,
 Julgando ser a verdade;
 Tudo que é nosso seduz:
 « Nem tudo que é ouro luz. »

A proposito de luz,
 O que quer dizer o aviso
 Em que a companhia do gaz
 Deo mostra de pouco sizo?
 Julga que o povo é calouro
 Para lhe pegar em ouro?
 E' sombria a luz do gaz,
 Peior que a de azeite de peixe;
 E não quer a companhia
 Que o povo do tal se queixe,
 Quer que pague a vinte sete
 A espiga que lhe mette!

Fense bem a assembléa
 Da provincia do Janeiro,
 Quando contratar o gaz
 Come emprega seu dinheiro;
 Cuidado com o patronato
 Olhe que sai caro o barato.

Fui compadre, á exposiçào
 Das artes que dizem nobres,
 Cossa boa e que vale a pena
 Por não ter que gastar cobres;
 E' idéa animadora
 E das artes protectora.

Ha ali diversas obras
 De merecimento real:
 O que junto a serem todas
 Obra de nacional
 Prova que o nosso poiz
 E' melhor do que se diz.

Assim se desse, compadre,
 Aos artistas protecção,
 Como de certo teve em vista
 O autor da exposiçào.
 Oxalá que imitadores
 Ache elle entre os — senhores.

Existe ou deve existir
 Uma empresa nacional,
 Que recebeu loterias
 (De que já não ha real)
 Para um theatro edificar
 E em portuguez cantar.

E' tambem sua missão
 O proteger os autores,
 Fazendo exhibir-lhe as operas
 Por nacionaes cantores;
 Mas como se illude o povo
 Que o digo o Elias Lobo.

Os nossos theatros dramaticos
 Continuam em apathia,
 Uns mata os a indifferença,
 Os outros morrem de azia;
 P'ra entreter os lasbaques,
 Já não servem Martinho e Vasques.

Atacados á algum tempo
 Da praga da deserção,
 Perderam bem bons actores,
 E entre elles um palhação;
 Mas se alguns voltam o rosto
 Outros querem morrer no posto.

Entre elles veio um
 Com seus laivos de pedante,
 Declarar pela imprensa
 (Querendo fazer de importante)
 Que ao theatro em que trabalha
 O seu apoio não falla!

Acabo aqui esta carta
 Men compadre *Rabugento*,
 Se seus leitores não gostarem.
 Deitei palavras ao vento;
 E ao depois passa-lhe um trote
 Seu compadre D. QUIXOTE.